

Teoria da P@X

Como lidam as sociedades agrárias africanas com o potencial de violência dos seus jovens? Algumas considerações

Em África, tal como noutras partes do mundo, os fracassos das sociedades na gestão do potencial de violência dos seus jovens, atraem normalmente, mais atenção do que os seus sucessos.

O potencial de violência dos homens jovens (sendo a violência cometida por mulheres extremamente rara) é uma condição, bem como, uma consequência, do colapso societal. A capacidade de auto-organização de jovens fora de controlo que remonta e tem origem nas sociedades de caçadores-colectores manifesta-se numa forma quasi-universal de organização conhecida como o gang juvenil predatório. Estes gangs podem ser mobilizados e utilizados por facções da elite no poder, aumentando, assim, o potencial destrutivo que, cada vez mais sociedades, não conseguem controlar.

As sociedades modernas africanas, apesar de bastante urbanizadas, são, ainda, fortemente influenciadas pelas sociedades agrárias. Logo, é útil um olhar mais atento em relação ao modo tradicional de lidar com o potencial de violência dos cadetes.

A configuração de base das sociedades agrárias é étnica; quer as sociedades centralizadas quer as sociedades acéfalas organizam os seus jovens e os seus homens em classes de idade. A transição de uma classe para outra é marcada por ritos de passagem. A variedade destes sistemas é tão abrangente quanto a dos grupos étnicos, com diferentes classes de idade, diferentes ritos de passagem e diferentes formas de organização interna.

Algumas características básicas são, no entanto, comuns: são inclusivos, ou seja, todos, à excepção dos poucos que morrem, passam por estes rituais, desta forma, não

excluem indivíduos nem produzem perdedores. Como todos os indivíduos passam por todos os grupos de idade, não existe, pelo menos nos grupos acéfalos, discriminação que seja considerada injusta, uma vez que todos ganharão, eventualmente, o respeito e os privilégios associados ao estatuto dos mais velhos.

Antes de chegar a um grupo de idade com potencial para a violência, os mais jovens já passaram pela infância onde, mesmo antes de começarem a andar, aprenderam a partilhar e a respeitar os mais velhos.

A partilha e o respeito são valores básicos na infância, que constituem os valores fundamentais da solidariedade. À medida que as crianças vão crescendo vão assumindo cada vez mais responsabilidade, uma qualidade que as distingue dos adultos. Na infância, o seu horizonte de expectativas encontra-se circunscrito aos limites da aldeia e da linhagem. Conforme vão crescendo, é fomentado nas crianças um sentimento claro de pertença, através da linguagem e da cultura.

Em muitos aspectos as crianças e os jovens gozam de uma ampla liberdade, assim ninguém se sente socialmente excluído. Eles são livres de se juntarem de passearem com os seus amigos, em busca de comida e de aventura. O controlo social é aplicado através da presença dos seus pares, da família e dos anciãos. O controlo espiritual é exercido, não apenas através de configurações intrapsíquicas, mas também, através de entidades espirituais externas, que se encontram, muitas vezes, relacionadas com o reino dos antepassados.

Em cada classe de idade, as crianças e os jovens ganham direitos e aumentam o seu conhecimento e as suas obrigações. A passagem de um grupo de idade para outro é

Teoria da P@X

extremamente ritualizada. O estatuto é demonstrado através do vestuário, do penteado, do comportamento e de códigos secretos de expressão corporal. Nos principais ritos de passagem, cruzam-se as dimensões constituintes da existência étnica das sociedades com as linhas essenciais de poder. O poder e a autoridade, (no caso das sociedades acéfalas) – interna e externa – normalmente são exercidos de forma encoberta. Este exercício está ligado à afirmação do direito de acesso e de controlo étnico sobre os recursos naturais, incluindo a terra, as florestas, a água, a flora e a fauna. Todos os recursos são guardados por espíritos e, só com o seu consentimento, os humanos podem explorá-los – mas há sempre um preço a pagar, normalmente sob a forma de sacrifícios rituais que variam, entre pequenas oferendas e animais ou, até, humanos.



Jovens guineenses, Bissau, 2008.

As rivalidades e alianças intra e inter-étnicas são confirmadas, tal como a relação com outros grupos de poder e instituições, como as estruturas do Estado. A organização militar étnica, extremamente secreta, é estabelecida e os guardiões têm um papel equivalente ao dos oficiais. Nas sociedades centralizadas, é confirmado o poder dos governantes; nas sociedades acéfalas, são reforçados os mecanismos para evitar o estabelecimento de estruturas de poder. A relação entre os sexos é (re)definida, os direitos de enterro são confirmados. Tudo se alicerça na compreensão do mundo espiritual. Assim, a essência da existência humana, do poder, da fertilidade e do bem-estar da sociedade

dependem de um mundo habitado pelos espíritos. A existência de forças espirituais externas que influenciam e condicionam as sociedades, os grupos e as pessoas é um dado adquirido, um *fait social*. A existência humana, a saúde e o bem-estar individual e colectivo dependem da capacidade de estabelecer e manter relações com estas forças. Para os jovens que passam por estes ritos, que não se reduzem à circuncisão, embora muitas vezes esta esteja incluída, estes rituais são a mais profunda experiência das suas vidas. Em cenários extremamente elaborados, escondidos na floresta, experienciam um forte processo de união com os seus companheiros, produzindo-se a relação social mais importante e duradoura das suas vidas, que predomina sobre todas as outras relações, e que nalguns casos se sobrepõe até aos seus laços familiares mais próximos. Durante este processo, os jovens sofrem privações muito severas, são submetidos a uma disciplina militar rígida pelos seus oficiais e são expostos à crueldade e à dor. Mesmo as pequenas infracções são duramente punidas, as falhas individuais podem provocar castigos colectivos violentos.

Experimentam, também, o medo do sobrenatural no seu contacto inicial com o mundo espiritual, incluindo a perda de alguns dos seus companheiros, cuja morte é atribuída à ira dos espíritos. São expostos à fome, ao isolamento, à falta de conforto e da companhia das suas famílias. Ao mesmo tempo, aprendem as tradições do seu grupo: danças, canções, história do grupo e as suas comunicações secretas, sejam estas através da expressão física ou da comunicação de longa distância, através de tambores. Aprendem, ainda, como relacionar-se com os espíritos, muitas vezes, entrando em estados mentais que são percebidos como uma condição para comunicar com os mesmos – por vezes potenciados pelo uso de drogas. Aprendem a estabelecer contratos com os espíritos para que estes os protejam dos muitos perigos da vida, incluindo como obter amuletos contra balas, contra canhões,

Teoria da P@x

granadas ou bombas. Adquirem uma profunda compreensão da diferença entre o sagrado e o profano e entre o puro e o impuro. Estas protecções mágicas não funcionam, no entanto. Nos seus exercícios, os jovens são colocados em oposição espiritual a grupos rivais, muitas vezes, raparigas que atravessam experiências similares mas que se encontram espacial e socialmente separadas. Estes jovens aprendem igualmente, a manter segredos e sabem que a violação destas regras é punida com a morte.

Durante os ritos, os guardiões identificam, entre os jovens, talentos espirituais e de liderança. Destes candidatos, são seleccionados os futuros líderes militares. O candidato ideal é o guerreiro forte e corajoso, social e espiritualmente bem relacionado, perito em técnicas de luta e capaz de participar nas lutas, sejam elas defensivas ou ofensivas. Depois de passar pela privação dos treinos, são recebidos como heróis nas suas aldeias, o que implica consideráveis esforços económicos das famílias para celebrar o seu novo estatuto. Os candidatos pertencentes a linhagens respeitáveis (sejam matrilineares ou patrilineares) e com capacidades espirituais extraordinárias são seleccionados para ritos futuros, que são tão secretos que nem os outros iniciados suspeitam da sua existência. Estes ritos consistem na entrada nas chamadas “sociedades secretas”, que detêm um enorme poder e influência e nas quais são tomadas decisões de largo alcance. Estas sociedades secretas transcendem muitas vezes, os limites dos grupos étnicos e , constituem importantes ligações nas alianças inter-étnicas, as quais podem desempenhar um papel fundamental na manutenção da paz ou na mobilização para a guerra.

Mesmo depois de terminar a iniciação e a formação, os cadetes continuam sujeitos a uma forte liderança. São organizadas competições de dança ou de luta, regulamentadas e ritualizadas, contra outros grupos, que frequentemente requerem longas

caminhadas até ao local onde terão lugar. Os vários grupos organizam raides nos territórios dos vizinhos para roubar gado ou bens. Estes raides podem facilmente transformar-se em confrontos violentos com os proprietários e com os seus vizinhos e frequentemente levam a ferimentos e até à morte, quando são usadas armas de fogo, o que acontece cada vez mais. Em todos estes exercícios, os cadetes são normalmente acompanhados pelos guardiões e pelos seus espíritos protectores, individuais e colectivos.

A ornamentação corporal rica, que vai desde pinturas corporais elaboradas até cortes de cabelo sofisticados, de roupa especial a adornos de corpo, bem como, os ritmos dos tambores e os seus cânticos, constituem sinais para os seus companheiros espirituais invisíveis, assim como, para os seus amigos, competidores e inimigos.

Os concursos entre grupos rivais, seja no desporto, na música, nas danças ou nas lutas, são levados a cabo como exercícios espirituais – o poder militar e político de um grupo é entendido como uma mera projecção dos poderes espirituais. Para os jovens guerreiros, os jogos e os raides são oportunidades para manter o treino e provar o seu valor. Os duelos entre guerreiros individuais são frequentes e ritualizados. Quando um guerreiro sofre de um “surto de heroísmo”, é o suficiente para atirar pedras para o espaço de outro jovem guerreiro – isto resulta imediatamente numa briga em que os adversários lutam com paus. A proeza na luta, tal como o talento nas artes performativas, é considerada um caminho seguro para a fama – o que aumenta o sucesso junto do sexo oposto.

Ulrich Schiefer

schiefer@iscte.pt

Ulrich Schiefer é sociólogo e antropólogo. Professor e investigador do ISCTE-IUL e da Universidade de Münster.